

EXCLUSÃO E RESIGNAÇÃO NO CONTO *GUARDADOR*, DE JOÃO ANTÔNIO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Clebson Luiz de Brito¹
Valdirécia de Rezende Taveira²

RESUMO: Realizaremos no presente trabalho uma análise do conto *Guardador*, de João Antônio, texto que narra a tensa relação entre um guardador de carros e a sociedade do Rio de Janeiro. Para isso, vamos empregar as categorias de análise da semiótica greimasiana, sobretudo aquelas relativas ao nível narrativo do percurso gerativo. Pretendemos demonstrar que o processo de compreensão do texto narrativo implica o conhecimento sobre como as narrativas se organizam.

Palavras-chave: leitura; semiótica greimasiana; narrativa.

Exclusion and resignation in the short-story *Guardador*, by João Antônio: a semiotical analysis

ABSTRACT: This article presents an analysis of *Guardador*, by João Antônio, a short story that narrates the tense relationship between a car keeper and the society of *Rio de Janeiro*. For this, we will employ the analytical categories of the Greimasian Semiotics, especially those related to the narrative level of the generative process. We intend to demonstrate that the process of understanding the narrative text implies the knowledge about how the narratives are organized.

Keywords: reading; Greimasian Semiotics; narrative.

INTRODUÇÃO

Ainda persiste uma crença geral de que o entendimento de um texto, sua interpretação, requer sensibilidade e/ou perseverança (é preciso ler o texto várias vezes), sobretudo quando se trata de texto literário. Essa crença, se não é de todo equivocada, acaba por ter um efeito nocivo, na medida em que desconsidera as habilidades implicadas no processo de leitura, habilidades essas que precisam ser desenvolvidas pelos leitores. Ela não se coaduna, desse modo, com a perspectiva de leitura como uma atividade ativa de produção de sentido, perspectiva defendida há algum tempo por diferentes correntes teóricas da Linguística. Essa perspectiva implica considerar a interpretação não como algo ligado a um

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG e bolsista Fapemig. MG, Brasil, clebson_letras@outlook.com.

possível dom ou força de vontade, mas com o uso de conhecimentos diversos na produção do sentido.

É preciso considerar, por isso, como os conhecimentos sobre texto e produção de sentido podem contribuir para desenvolver a habilidade de leitura, afastando-a de conceitos vagos como os relativos à crença acima. Por essa razão, sem desconsiderar outras abordagens, gostaríamos de refletir sobre a importância de conhecer os mecanismos internos de significação textual para o desenvolvimento de habilidades de leitura. Os leitores proficientes, quer estejam conscientes disso ou não, se baseiam em estruturas mais ou menos regulares mobilizadas em diferentes textos, o que contribui para a produção de sentido. Neste artigo, procuramos demonstrar que, se mais bem conhecidas, essas estruturas podem contribuir com o desenvolvimento de habilidades de leitura.

Para isso, realizaremos uma análise do conto *Guardador*, de João Antônio. Trata-se de um texto que narra a tensa relação entre um guardador de carros e a sociedade do Rio de Janeiro, no final do século XX, narrativa que se mostra ainda mais significativa no presente. Vamos utilizar como aporte teórico para a análise a semiótica greimasiana, disciplina que se caracteriza justamente por explicitar os mecanismos internos de significação textual, tendo se notabilizado pela sua contribuição para o exame da narratividade. O que queremos demonstrar mais especificamente é que há uma série de sentidos que podem ser construídos a partir do texto, graças a conhecimentos sobre como a narrativa de forma geral se organiza.

Antes, porém, de irmos à análise, cumpre apresentar o referencial teórico que empregaremos aqui, dando especial relevo ao nível narrativo do percurso gerativo, nível em que nos concentraremos em nossa análise.

1. O aporte teórico-metodológico da semiótica greimasiana

A semiótica greimasiana tem por projeto, sobretudo, explicitar as estruturas significantes do discurso, entendido como a parte mais concreta e superficial do plano de conteúdo, que, ao unir-se a um plano de expressão, constitui o texto. Nesse seu projeto, ela concebe um percurso gerativo de sentido: uma sequência de três níveis superpostos, que vão do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto e em cuja articulação o sentido se engendra (FIORIN, 2006, p. 20).

Os níveis que se articulam no percurso gerativo são: o fundamental, patamar mais

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG e bolsista Capes, MG, Brasil,

abstrato e simples no qual se determinam as estruturas elementares do discurso; o narrativo, que atualiza os valores do patamar anterior e os insere em uma organização narrativa que simula o fazer do homem no mundo; e o discursivo, entendido como a face mais concreta e superficial do plano de conteúdo, resultado da enunciação e de suas pressupostas operações tanto de seleção das categorias disponíveis nos níveis elementar e narrativo quanto de conversão dessas estruturas no discurso-enunciado. Há em cada um desses níveis um componente sintático e um componente semântico: respectivamente, um conjunto de mecanismos que ordenam os conteúdos e os conteúdos que se investem nos arranjos sintáticos (FIORIN, 2006).

A prática analítica não requer que se observem todos os níveis do percurso gerativo, mas apenas aqueles que forem mais apropriados a uma análise específica ou aos objetivos do analista. No nosso caso, vamos nos ater, em nossa análise, ao nível narrativo, motivo pelo qual, nesta descrição, vamos ser bem sucintos na apresentação dos outros dois níveis, o fundamental e o discursivo.

O primeiro nível, o fundamental, comporta, em seu componente semântico, as estruturas elementares da significação, subjacentes a todo discurso (FIORIN, 2006, p. 21). Isso se dá sob a forma de uma oposição semântica ó /a/ *versus* /b/ ó, em que um dos elementos é, em um dado discurso, considerado eufórico (positivo, atraente) e o outro, disfórico (negativo, repulsivo) (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 505). O componente sintático do nível fundamental, por sua vez, compreende duas operações básicas: a asserção e a negação, que permitem a passagem de um termo a outro na sucessividade do discurso.

O nível subsequente no percurso gerativo de sentido, patamar que nos interessa mais diretamente neste trabalho, é o narrativo, que assume um caráter antropomórfico, na medida em que simula a ação do homem no mundo. O nível narrativo apresenta-se como uma organização mais ou menos previsível no que diz respeito às transformações passíveis de ocorrer nos discursos, bem como suas motivações e desdobramentos. Essa organização se mostrará bastante produtiva em nosso exame, como se verá à frente.

A semântica narrativa abrange as modalizações pelo fazer e pelo ser (/dever/, /querer/, /poder/ e /saber/ fazer ou ser). A modalização pelo fazer diz respeito às qualificações do sujeito em relação à ação, sujeito esse que apenas agirá se for modalizado por um /querer/ e/ou um /dever fazer/ (nesse caso, dizemos que o sujeito é virtual ou virtualizado) e se for

competente para agir, isto é, se for modalizado pelo /saber/ e pelo /poder fazer/ (sujeito atualizado). É por isso que, dispondo de tais modalidades (as virtualizantes e as atualizantes), o sujeito pode se tornar operador de uma dada transformação (sendo, então, chamado de sujeito operador ou sujeito de fazer).

Já a modalização pelo /ser/ incide sobre a relação entre sujeito³ e objeto de valor⁴ (Ov), dizendo-a desejável, possível, necessária, proibida e assim por diante. Essa modalização permite o exame de estados passionais, pois as paixões, em semiótica, referem-se a ãefeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estadoö (BARROS, 1988, p. 61).

As paixões podem ser simples, quando resultantes de um único arranjo modal. O medo, por exemplo, decorre de um /não querer ser/. Já as paixões complexas formam, por definição, um dado percurso e apresentam um arranjo modal que combina diferentes modalidades. A frustração, por exemplo, apresenta uma organização que combina um /querer ser/ (modalização de algo tido como desejável) e um /não poder ser/ (modalização de algo tido como impossível). Além desse arranjo, a paixão da frustração está necessariamente ligada a um percurso, sem o qual ela não tem sentido. Barros (1994, p. 48) explica que ãsó um sujeito que ambicionar um objeto de valor e que acreditar poder obtê-lo sofrerá a frustração, se não o conseguir; só um sujeito que esperar de outro a realização de suas aspirações ficará com ele decepcionado, se elas não se concretizaremö.

As paixões complexas, por isso, como é o caso da frustração, partem de um estado inicial: a espera simples ou fiduciária, quer essa etapa esteja explícita ou não no texto. Esse estado inicial é marcado pelo relaxamento, pela satisfação antecipada ou imaginada em relação à aquisição do valor desejado. A semiótica entende que o sujeito de estado age assim por acreditar (/crer ser/) que pode contar com o outro, o sujeito de fazer, para levá-lo a conjunção com o Ov. Sem postular essa etapa inicial, é difícil pensar na frustração, o que veremos ocorrer no texto em estudo, à frente.

Ainda no âmbito da modalização pelo /ser/, temos as modalidades veridictórias, que articulam o /ser/ (imanência) e o /parecer/ (manifestação). Essa articulação permite que, em

³ Nesse caso, dizemos que se trata de um sujeito de estado, aquele que entra em conjunção ou disjunção com um dado objeto de valor pela ação de um outro sujeito, responsável pela transformação principal da narrativa: o sujeito de fazer. Esses dois actantes podem (ou não) estar sincretizados em um mesmo ator do nível discursivo, isto é, um mesmo personagem.

⁴ Lembramos que ãnão se pode confundir sujeito com pessoa e objeto com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animaisö (cf. FIORIN, 2006, p 29).

semiótica, se substitua a ideia de verdade (ontológica) pela de *õdizer verdadeiroõ* ou de *veridicção*. Em suma: do ponto de vista semiótico, um dado enunciado de estado é modalizado como verdadeiro quando articula /parecer/ e /ser/; secreto, quando articula /não parecer/ e /ser/; mentira ou ilusão, quando articula /parecer/ e /não ser/; e, por fim, falso, quando articula /não parecer/ e / não ser/.

Passamos agora à descrição da sintaxe narrativa, âmbito da análise da dimensão pragmática propriamente dita. Nesse componente, parte-se da noção de enunciado elementar, que se apresenta de duas formas possíveis: o enunciado de estado *ó* que manifesta relações de junção entre os actantes (sujeito e objeto) *ó* e o enunciado de fazer *ó* que incide sobre o enunciado de estado, levando da disjunção à conjunção ou desta àquela (LARA 2004, p. 45). Ocorre, pois, uma transformação mínima quando um enunciado de fazer rege um enunciado de estado, resultando no que a teoria semiótica chama de programa narrativo (PN), a unidade elementar operatória da sintaxe narrativa.

Os PNs, por sua vez, formam percursos e estes, aquilo que, em semiótica, se denomina esquema narrativo canônico. Trata-se de um modelo-referência, uma organização narrativa estereotipada capaz de permitir uma reflexão em relação aos fatos narrativos. Ele compreende três percursos *ó* o do destinador-manipulador, o do sujeito e o do destinador-julgador *ó* que, por sua vez, compreendem quatro PNs *ó* manipulação⁵ (percurso do destinador-manipulador), competência e *performance* (percurso do sujeito) e sanção (percurso do destinador-julgador).

O PN da manipulação ocorre quando um sujeito, que desempenha o papel do destinador-manipulador, transmite a outro, o destinatário-sujeito, um /querer/ e/ou um /dever fazer/. Isso, segundo Fiorin (2006, p. 30), pode ser feito de diversas maneiras, mas são basicamente quatro as formas mais comuns de se realizar a manipulação: 1) a tentação, quando o destinador oferece ao destinatário objetos de valor tidos como positivos; 2) a sedução, quando o destinador constrói uma imagem positiva do destinatário; 3) a provocação, quando o destinador projeta uma imagem negativa do destinatário; e 4) a intimidação, quando o destinador oferece ao destinatário objetos de valor tidos como negativos. A manipulação é importante por implicar valores e crenças, já que gera contratos entre sujeitos, ainda que na forma de simulacros.

Passando às etapas seguintes, chegamos aos PNs da competência e da *performance*.

⁵ O termo manipulação não tem, em semiótica, o caráter negativo que costuma ter em outros contextos,

No primeiro, o destinatário-sujeito, já manipulado, adquire um /saber/ e um /poder fazer/, sem os quais, como já dissemos, ele não age. Assim, dotado das modalidades virtualizantes (manipulação) e, em seguida, atualizado para a ação (competência), o sujeito promove a transformação central da narrativa, o que constitui o PN de *performance*. A etapa terminativa do esquema narrativo canônico é o PN da sanção. Na sanção cognitiva, o destinador-julgador reconhece a realização (ou não) da *performance* pelo sujeito, o que abre caminho para a sanção pragmática: retribuição ou castigo, segundo o julgamento seja positivo ou negativo em relação à conformidade da *performance* do sujeito com os valores que o destinador-julgador representa.

Cabe aqui mencionar duas questões importantes. A primeira delas diz respeito a uma implicação retroativa em relação às fases do esquema narrativo canônico. Em outras palavras, precisamos levar em consideração que uma etapa necessariamente implica as anteriores: se houve sanção, é porque houve *performance*, o que, por sua vez, implica competência e manipulação. Trata-se, como diz Bertrand (2003, p. 41), de uma cadeia de pressuposições lógicas que permite dar conta facilmente do contexto extenso, o que é extremamente útil, uma vez que, na prática, as fases da sequência canônica podem não aparecer de forma organizada ou podem ainda ficar implícitas (FIORIN, 2006, p. 32).

A segunda questão é a que diz respeito ao princípio polêmico que marca a organização das narrativas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 376). Podemos, a partir desse princípio, desdobrar a narrativa sempre em duas perspectivas antagônicas e estabelecer para os papéis actanciais os seus respectivos rivais: destinador/antidestinador; sujeito/antissujeito etc.

Encerrado o percurso gerativo, fecharemos esta descrição com o nível discursivo, patamar que abriga as estruturas mais próximas da superfície textual. Falar do nível discursivo é falar da enunciação, isto é, do ato de produzir o discurso-enunciado. Em semiótica, esse ato compreende a seleção das categorias disponíveis nos níveis fundamental e narrativo e sua conversão no discurso propriamente dito.

No estudo da sintaxe discursiva, procura-se recuperar o ato da enunciação, a partir de suas marcas no enunciado, além de examinar as relações entre enunciador e enunciatário que, realizando, respectivamente, um fazer persuasivo e um fazer interpretativo no/pelo discurso, remetem à argumentação. Já no componente semântico do nível discursivo, examinam-se os

sobretudo naqueles em que o termo refere-se a controle ideológico; trata-se, em suma, de um fazer-fazer.

temas, as figuras e as isotopias⁶, elementos que concretizam as estruturas do nível anterior (o narrativo) (LARA; MATTE, 2009, p. 69).

Apresentada a teoria, partamos à análise do texto, o que nos permitirá fazer algumas considerações na conclusão sobre como o conhecimento sobre os mecanismos internos de construção do sentido no texto pode ser útil no desenvolvimento da leitura.

2. ANÁLISE DO TEXTO

O conto *Guardador*, que segue anexo ao final deste artigo, estrutura-se basicamente sobre a etapa narrativa da sanção. Com efeito, há duas sanções diferentes, ligadas, portanto, a dois diferentes contratos. Como dissemos na seção anterior, uma etapa narrativa pressupõe a(s) etapa(s) precedente(s) no esquema narrativo canônico, o que permite dar uma completude lógica à narrativa. Tendo isso em mente, vamos examinar melhor as sanções de que falamos e explicitar os contratos que elas implicam.

Na primeira delas, o personagem Jacarandá cumpre o papel actancial de destinatador-julgador, sancionando o sujeito sociedade (figurativizado, sobretudo, nos motoristas), que não realiza a *performance* de pagar pelos seus serviços. Trata-se de uma sanção cognitiva, que pode ser observada, por exemplo, no trecho a seguir, em que o narrador dá voz à ómatutação do personagem: “Se trabalhou, guardando-lhes os carros, por que resistem ao pagamento da gorjeta?” (ANTÔNIO, 2001, p. 386)

Isso implica que, para Jacarandá, existe um contrato em que este presta um serviço e deve ser pago por ele, como em outras relações de trabalho. Tudo não passa, no entanto, de um simulacro de contrato, pois os “fregueses” resistem em pagar pelo “serviço”, tentando constantemente escapar do guardador.

A sanção contra a sociedade, porém, persiste e se amplia, ora observada em alguns lampejos de lucidez de Jacarandá, ora na fala do narrador, que, onisciente, vai dando voz aos pensamentos do personagem. O narrador faz referência às reflexões do personagem, empregando termos e expressões como: “matutação”, “o boné pendido reflete dúvidas”, “abrir o entendimento”, “notou” ou “capiscou”. Nessa reflexão tacanha, é possível entrever, sobretudo, uma perspectiva segundo a qual a sociedade vive num jogo de aparências. Vejam-se os trechos abaixo:

⁶ Por isotopia designamos a recorrência de categorias sêmicas ao longo do texto, sejam elas temáticas (abstratas) ou figurativas. Trata-se, em suma, de uma espécie de plano de leitura que confere ao texto uma unidade de sentido (cf. LARA; MATTE, 2009, p. 70)

(...) Só uma minoria - ninguém espere outro motivo - dá esmola por entender o miserê. Há a maior parte, no meio, querendo se ver livre do pedinte. O terceiro grupo, otários da classe média, escorrega trocados a esmoleiros já que, vestidos direitinho, encabulariam ao tomar o flagra em público - são uns duros, uns tesos. Para eles, não ter cai mal. Se é domingo, pior. Domingo é ruim para os bem-comportados.

(...) Apesar da pinga, esses pensamentos não o distraem de suas necessidades cada vez mais ruças, imediatas. Se trabalhou, guardando-lhes os carros, por que resistem ao pagamento da gorjeta? Eles rezando na Catedral e, depois, saindo para flunar. Teriam dois jeitos de piedade - um na Catedral, outro cá fora?

(...) Havia cata-mendigos limpando a cidade por ordem dos mandões lá de cima. Assim, no verão, os majorengos queriam a cidade disfarçada para receber turistas e visitantes ilustres (ANTÔNIO, 2001, pp. 386-387).

Isso nos remete às modalidades veridictórias, que entram em jogo sempre que há um fazer interpretativo, como é o caso da sanção. O que percebemos na sanção realizada por Jacarandá, quando este avalia o fazer da sociedade, é o desnudamento de um estado mentiroso ou ilusório. No nível do /parecer/, a sociedade funciona de forma harmônica: as autoridades zelam pela cidade (atraindo turistas); os fiéis vão à igreja aos domingos, rezam, são caridosos; a classe média ostenta bens e dá esmolas. No nível do /ser/, porém, os mendigos são escondidos (são presos) dos turistas no verão e a cidade é disfarçada; os fiéis ignoram o excluído ou fogem dele e, quando dão esmolas, não dão senão aquilo que não tem valor (õalgum trocadoö, õpixulöö, õcaraminguá ocioso e sem serventiaö, diz o narrador (ANTÔNIO, 2001, p. 386), fazendo-o, em geral, para se verem livres do pedinte; a classe média, por sua vez, é endividada e dá esmolas apenas para manter as aparências.

Temos, assim, uma articulação do /parecer/ e /não ser/, que configura o estado ilusório ou mentiroso. Esse é o estado da sociedade que é desvelado quando da sanção do destinador-julgador Jacarandá. Desvelada a mentira social, temos ao final da sanção um estado de falsidade: /não parecer/ e /não ser/.

Jacarandá, no entanto, também desempenha o papel actancial de sujeito de fazer, agindo como o resto da sociedade. Ele adota a dissimulação (trata os õfreguesesö, ironicamente, por õdoutorö, õdistintoö), mas o faz porque disso depende a sua própria sobrevivência. Como se pode ver no texto, além de agilidade para impedir as escapadas dos õfreguesesö, o poder/saber ganhar algum na rua (a competência do sujeito) inclui cobrar õcom cordialidadeö, mascarando os sentimentos. Veja-se o trecho abaixo:

(...) Surgir nos lugares mais insuspeitados e imprevistos, pular à frente do motorista no momento em que o freguês não espera. Miraculosamente, como de dentro de

um bueiro, de um galho de árvore, de dentro do chão ou do vão de alguma escadaria. Saltar rápido e eficiente, limpando com flanela úmida o para-brisa, impedindo a escapada e cobrando com cordialidade. Ironizar até, com humildade e categoria, tratando o cara de doutor. E de distinto (ANTÔNIO, 2001, p. 387).

Entendendo, portanto, o jogo de aparências da sociedade, Jacarandá precisa usar de dissimulação para sobreviver. Nisso, participa uma paixão experimentada pelo sujeito: a resignação, paixão que é o resultado de todo um percurso passional que pode ser logicamente explicitado. A resignação está relacionada com outra paixão também experimentada pelo sujeito Jacarandá: a frustração, o que passamos a explicar.

A frustração, como explicado anteriormente, pressupõe um estado anterior em que o sujeito acredita poder conjuntar-se com um Ov desejável (modalizado pelo /querer ser/) ou necessário (modalizado pelo /dever ser/) e conta com o outro para isso (o primeiro é o sujeito de estado e o segundo o sujeito de fazer). Essa paixão instaura-se, assim, quando o sujeito percebe que suas crenças no outro eram infundadas e que o objeto desejável ou necessário se mostra então impossível (modalizado pelo /não poder ser/).

Esse é justamente o percurso passional de Jacarandá. Este, como sujeito de estado, experimenta as duas paixões que precedem a cólera: a decepção e, sobretudo, a frustração, o que pode ser percebido em praticamente todo o texto. Esse sujeito, inicialmente, espera conjuntar-se com o Ov: o pouco dinheiro com o qual poderia viver precariamente. Ele espera, ainda, que essa conjunção seja realizada pelos fregueses (sujeito de fazer), em função do simulacro de contrato que tem com os motoristas (metonimicamente, a sociedade). Como a conjunção esperada não se dá, Jacarandá sofre a paixão da frustração, além da decepção, já que esperava que os fregueses cumprissem sua parte no contrato.

Essas paixões, por sua vez, podem se intensificar, fazendo emergir um sujeito malevolente, encolerizado, que deseja reparar a falta. Para realizar a reparação, no entanto, ele precisa ter ou adquirir a competência modal (saber/poder fazer) para realizar um PN de vingança, pois, do contrário, a resolução do percurso passional do sujeito pode ser a resignação.

No caso do texto em análise, é a resignação que, em geral, põe fim ao percurso passional de Jacarandá, impotente diante dos abusos que sofre. É possível observar essa paixão já no início da narrativa, quando um ôfreguêsö, esquivando-se de pagar-lhe, o chama de chefe. O guardador ensaia um princípio de ira, mas intervém a resignação, paixão que aparece inclusive lexicalizada no texto.

Chefe, meus distintos, é o marido daquela senhora. Sim. Daquela santa mulher que vocês deixaram em casa. Isso aí ó o marido da ilustríssima. Passeiam e mariolam de lá pra cá num bem-bom de vida. Chefe, chefe ... (...).

Mas um guardador de carros encena bastante de mágico, paciente, lépido ou resignado. Pensa duas, três vezes. E fala manso (ANTÔNIO, 2001, p. 386).

A resignação se mostra ainda quando Jacarandá vai como que descortinando o jogo de aparências da sociedade. O personagem chega perto de romper seu contrato com a sociedade, mas acaba por conter-se. Ele chega mesmo a tomar como algo perigoso nutrir aquelas reflexões, passando a afogar ainda mais sua frustração no álcool. Veja-se o trecho a seguir: “Tomar outras, não enveredar por esses negrimes. Nada, Corria o risco de desistir de guardador. Ele sabia, na pele, que quem ama não fica rico. E, se vacilar, nem sobrevive. Para afastar más inclinações, pediu outra dose” (ANTÔNIO, 2001, p. 387)

O sujeito Jacarandá continua, desse modo, o seu fazer de guardador⁷, não rompendo, pois, o contrato com o sujeito sociedade, que constantemente descumpra a sua parte nele. O personagem Jacarandá concretiza, assim, um sujeito de fazer modalizado por um /não querer/, mas por um /dever fazer/: ele não quer, mas deve trabalhar guardando carros e deve ainda mascarar ou conter sua insatisfação, fazendo o jogo de aparências, caso queira sobreviver.

O guardador, porém, no final da narrativa, vai à forra contra a sociedade, metonimicamente representada por um rico motorista. Esse é o momento em que o sujeito, deixando a resignação um pouco de lado, realiza uma pequena, mas significativa vingança. Jacarandá, fantasiando grandezas, como diz o narrador, esnoba a moeda oferecida pelo rico motorista, como se vê no trecho a seguir:

Outra vez. Na noite, o bacana eternado, banhado de novo, estacionou o carro importado, desceu. Entrou na boate ali defronte, ficou horas. Saiu, madrugada, lambuzado das importâncias, empolado e com mulher a tiracolo.

Jacarandá, bebido e de olho torto, vivia um momento em que fantasiava grandezas, tomando um ar cavalheiresco.

O rico, no volante, lhe estendeu uma moeda.

A peça, altaneira no porre, nem o olhou:

ó Doutor, isso aí eu não aceito. Trabalho com dinheiro; com esse produto, não.

Avermelhado, fulo, o homem deu partida, a mulher a seu lado sacudiu, o carrão raspou uma árvore e sumiu. Pneus cantaram (ANTÔNIO, 2001, pp. 389-390).

⁷ Lembramos que o personagem (em semiótica, o ator discursivo) é uma concretização no nível discursivo de ao menos um papel narrativo. O mais comum, no entanto, é que os personagens concretizem, em diferentes momentos do texto, diferentes papéis narrativos, como Jacarandá, que concretiza em alguns momentos o sujeito de estado e em outros o sujeito de fazer.

Como vimos anteriormente, os motoristas se caracterizam pela resistência em pagar pelo serviço do guardador, descumprindo o contrato que, aos olhos de Jacarandá, existe entre eles. A frustração do sujeito não o leva, de modo geral, à vingança, mas à resignação, o que é comum quando o sujeito não dispõe de competência modal para reparar a falta. O guardador parece nada poder fazer para vingar-se do sujeito descumpridor do contrato.

Ocorre, porém, que Jacarandá fantasia grandezas, como explica o narrador, justamente diante de um homem rico, õenternadoö, de õcarro importadoö. Assim, demonstrando uma altivez que seu precário meio de subsistência na verdade lhe retira, o guardador se vinga do sujeito sociedade (na figura do rico motorista), esnobando a moeda que o rico lhe oferece. A agressividade da ação do guardador é nítida, ficando o rico motorista embaraçado e encolerizado. Só fantasiando uma importância que a sociedade não dá aos seus serviços é que o guardador consegue dela se vingar, invertendo o jogo e rejeitando o pouco que ela eventualmente lhe oferece. Essa vingança sustentada numa fantasia de grandeza do sujeito acaba por realçar, por um ângulo diferente, a condição de exclusão a que o personagem está exposto.

Cabe agora abordar a outra sanção de que falamos, bem como o contrato que ela pressupõe. Nessa outra sanção, curiosamente, os papéis se invertem: Jacarandá é que é sancionado pelo destinador-julgador sociedade. Essa sanção pode ser percebida em diferentes situações, envolvendo diferentes personagens. Alguns motoristas, por exemplo, ao verem o guardador dormindo numa árvore da praça, o xingam de õpé-de-canaö e õvelho vagabundoö. Pela mesma razão, ele é xingado por certas mulheres que antes acendiam velas e rezavam na referida árvore. A sanção contra o sujeito guardador pode ainda ser vista na ação das autoridades da cidade, que, õlimpandoö a cidade dos mendigos no verão, sempre prendiam o guardador, como se viu em um trecho anteriormente.

O que isso demonstra é que a sociedade, de maneira geral, sanciona o guardador negativamente, tomando-o como um estorvo. Pela forma como Jacarandá é tratado, pode-se observar que a sociedade espera dele uma *performance* que ele não realiza. Aos olhos da sociedade, esse sujeito deve não estorvar (não agir como vagabundo, por exemplo), deve não tornar o espaço público feio, sujo e deve não espantar turistas, o que ele õdescumpreö com a sua simples presença na praça. Esse é o simulacro de contrato que está pressuposto nos valores que a etapa da sanção nos permite observar.

As duas sanções explicitam, assim, o estado de abandono do guardador. Este espera sobreviver nas ruas, seja de esmolas, seja de trocados conseguidos abordando motoristas e

tentando forçar uma relação de prestação de serviço. A sociedade, por sua vez, resiste à relação que o guardador tenta estabelecer, tomando-o ainda como um estorvo para si. Em suma, enquanto o guardador busca inserir-se pela única via que lhe parece possível, a sociedade lhe impõe resistência e o exclui ainda mais.

Ainda um fato merece destaque no nível narrativo: o papel da bebida na vida de Jacarandá. Ela parece, inicialmente, concretizar o papel narrativo de adjuvante, que é aquele que ajuda o sujeito a realizar a sua *performance*. A bebida parece colaborar, em certa medida, com o fazer do sujeito, já que ela o ajuda a resignar-se e a continuar guardando os carros mesmo sem receber a esperada contrapartida da parte da sociedade. Lembremos que é a irritação com as escapadas dos motoristas que o leva ao botequim (e ao balanço de seu trabalho) e que ali, quando pensa em desistir, é bebendo que ele afoga suas frustrações e resigna-se com sua condição de subsistência. Veja-se o trecho a seguir:

Mas um guardador de carros encena bastante de mágico, paciente, lépido ou resignado. Pensa duas, três vezes. E fala manso. Por isso, Jacarandá procura um botequim e vai entornando, goela abaixo, com a lentidão necessária à matutação.

(...) Tomar outra, não enveredar por esses negrumes. Nada. Corria o risco de desistir de guardador. Ele sabia, na pele, que quem ama não fica rico. E, se vacilar, nem sobrevive. Para afastar más inclinações, pediu outra dose (ANTÔNIO, 2001, pp. 386-387).

A bebida, no entanto, concretiza o papel narrativo de antissujeito, papel daquele que, ao contrário do adjuvante, serve de obstáculo à realização da *performance* pelo sujeito. Isso porque ela retira a competência modal (o poder-fazer) do sujeito Jacarandá, o que ocorre de duas maneiras: uma mais imediata, pela bebedeira em si; outra paulatina, pela degradação que o abuso continuado da bebida traz, como se pode ver nos trechos a seguir:

Aos trompaços dos anos e minado pelo estrepe dos botequins, ele emperrara a sua parte dessa picardia levípede.

(...) E tem que, não bebido, volta. E outro. Os movimentos do seu corpo ainda magro de agora lembram os movimentos do corpo antigo. O verde das árvores descansa, ah, assobia fino e bem, ensaia brincar com as crianças da praça. Dias sem cachaça, as cores outra vez na cara, concentra um esforço, arruma ajudante, junta dinheiro. Quando quer, ganha; organizado, desempenha direitinho. Nas pernas, opa, uma agilidade que lembra coisa, a elegância safa de um passista de escola de samba.

Vem carro acolá:

ó Deixa comigo.

Mas na continuação, nem semana depois, derrapava. À cana, à uca, ao mata-bicho. Ao pingão. Fazia um carro; molhava o pé. Fazia mais, bebia a segunda e demorava o umbigo encostado ao balcão. Dia depois de dia entornando, perdia fregueses e encardia,

não tomava banho (ANTÔNIO, 2001, pp. 387-388).

Com isso, o dramático quadro do guardador se apresenta como uma espécie de tragédia anunciada: marginalizado pela sociedade, este busca alternativas de subsistência que estorvam essa mesma sociedade; por isso, ela o exclui ainda mais, lançando-o, por sua vez, a uma degradação pela bebida, a qual, ajudando-o a engolir as frustrações, vai minando sua saúde e impedindo-o, paulatinamente, de lutar pela subsistência, tornando-o um ãestorvoã ainda maior.

CONCLUSÃO

Nesta conclusão, gostaríamos de chamar a atenção para algo capital na análise feita anteriormente. Trata-se do fato de termos construído o sentido, em nossa interpretação do conto, a partir do conhecimento de como as estruturas narrativas se organizam. Isso foi feito no que diz respeito tanto à dimensão narrativa, quanto à dimensão passional do texto.

O conto analisado, como explicamos, estrutura-se, sobretudo, a partir de duas diferentes sanções. Essa etapa narrativa pressupõe as anteriores, permitindo, a partir dos valores nela realçados, que se reconstrua o contrato entre os sujeitos, um simulacro de contrato, na verdade. No caso analisado, essa reconstrução lógica da narrativa expõe, sobretudo, a relação tensa entre o guardador, que tenta se inserir pelo trabalho nas ruas, e a sociedade que lhe impõe resistência. Essa tensa relação entre esses sujeitos é marcada ainda, da parte do guardador, por uma resignação, que implica uma frustração anterior ó pela esperada, mas não concretizada conjunção com algum dinheiro no trabalho de guardar carros ó, além de uma carência de meios de reparar a falta ou de iniciar um novo percurso narrativo, rompendo com a sociedade, por exemplo.

Esses sentidos são construídos, vale lembrar, a partir do uso do conhecimento sobre as estruturas narrativas mobilizadas no texto. Não entendemos, porém, que o texto analisado se esgote na leitura que fizemos nem que o conhecimento empregado na análise realizada seja a única via para construir sentidos para o texto. Longe disso, o que gostaríamos de frisar no encerramento deste artigo é que a leitura exige aplicação de conhecimentos, entre os quais aqueles relativos aos mecanismos internos de constituição do sentido. Conhecer o texto e sua forma de organização (não apenas narrativa, como ilustramos, mas também fundamental e discursiva) pode, por isso, instrumentalizar o leitor para a sua atividade criadora de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, João. Guardador. In: MARICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 385-390.

BARROS, Diana L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1994.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo Casa. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

LARA, Gláucia. M. P. *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de português*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LARA, Gláucia M. P.; MATTE, Ana Cristina F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

Recebido em 29 de março de 2013.

Aprovado em 7 de julho de 2013.